

A ÉTICA ARISTOTÉLICA COMO CAMINHO QUE CONDUZ O HOMEM A FELICIDADE PLENA

Everton de Jesus Silva¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da ética para o homem, segundo a concepção de Aristóteles. A intenção da ética é conduzir o homem ao Sumo Bem, ou seja, à felicidade (*eudaimonia*). A ética do Estagirita é nitidamente teleológica, ele interpreta a ação humana segundo as categorias de princípio, meio e fim. Este artigo investigará o que é o bem supremo do homem e analisará a ética aristotélica no plano prático e metafísico. No entanto, ela é classificada por Aristóteles como uma ciência prática e não teórica. Isso implica dizer que está relacionada com a conduta humana, ou seja, com o seu modo de se comportar e agir com os demais. Embora fundamente que a ética é uma ciência da práxis, é perceptível a existência de uma metafísica nela. Esta é definida por Aristóteles como uma busca da felicidade dentro da realidade humana; caso o homem se esforce para atingir essa excelência, isso o tornará uma pessoa virtuosa. Mas o que seria um homem virtuoso para Aristóteles? Segundo o Estagirita, o homem bom e virtuoso é aquele que alia inteligência e força, que utiliza adequadamente sua riqueza para aperfeiçoar seu intelecto. A virtude, ou a excelência moral, resulta do hábito, de sua prática. Quanto mais o ser humano exercitar a virtude, mais virtuoso será. A ética é, portanto, o estudo do comportamento, das ações, das escolhas e dos valores humanos. A ação ética, em Aristóteles, requer um equilíbrio, ou seja, é necessário fazer o uso do meio-termo que objetiva ajudar o homem a agir sempre de maneira equilibrada, evitando, assim, o excesso ou a falta, o que caracterizaria um vício. No livro X da obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles define a perfeita felicidade como uma atividade contemplativa. Por intermédio da contemplação, a pessoa adquire hábitos que praticados levam a atingir a felicidade.

Palavras-chave: Bem; Ética; Felicidade; Virtude.

Abstract: This work aims at depicting the importance of ethics for men, according to Aristotle's conception. Ethics is the way which leads men to the original good meaning happiness (*eudaimonia*). The Stagirite ethics is clearly theological, as human actions are interpreted according to the principles, means and goals. This article is written so as to investigate what is the supreme good of man and analyze the Aristotelian ethics in practical and metaphysical plans., though being classified by Aristotle as a practical, rather than theological science. This implies a relation with human conduct, or the way ones behaves and acts towards the others. Though being a praxis science, it denotes an inner metaphysical aspect. This is defined by Aristotle as the search for happiness in human reality; once men make an effort so as to reach this excellence, this will turn one into a virtuous person. But what would Aristotle classify as a virtuous man? According to Stagirite, the good and virtuous man is one who combines intelligence and strength, uses his wealth properly, so as to improve his intellect. Virtue, or moral excellence, results from habit or practice. The more ones practices virtue, the more virtuous one will become. Thus, ethics is the study of behavior, o actions, of choices and of human values. The ethical action, in Aristotle, requires a balance or common sense in order to help men act in harmony, avoiding excesses or lack of anything, which would resemble an addiction. In book X of *Nicomachean Ethics*, Aristotle defines the perfect happiness as a contemplative activity. Through contemplation, the person acquires habits which, once practiced, lead to the achievement of happiness.

Key words: Good; Ethics; Happiness; Virtue.

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Santa Úrsula – USU. Pós-graduado em Ética Filosófica pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro – FSB/RJ. evertonjmj@gmail.com

INTRODUÇÃO

Aristóteles apresenta a ética como uma ação prática que diz respeito à conduta do homem na sociedade. De acordo com a sua tese no livro *Ética a Nicômaco*, o homem estuda a ética não para saber o que ela é, mas para ser ético. Segundo o filósofo, toda a ação do homem tende naturalmente a um fim (*telos*), isto é, à realização de um bem específico. Cada fim ao qual as coisas tendem é um fim particular que está em íntima relação com um fim último e com um bem maior, que é a felicidade.

Entretanto, Aristóteles define a felicidade como uma atividade da alma ajustada à vida perfeita. Sendo a felicidade uma atividade da alma, as pessoas devem fazer um esforço intelectual para adquiri-la; é uma conquista, algo a ser cultivado e vivenciado diariamente. Examinando a natureza dessa excelência, na obra “*A Política*”, o Estagirita deixa claro que objetivo de todos os homens é alcançar uma vida boa e feliz. O filósofo acredita que a felicidade é resultado e uso total das qualidades morais, não por ser necessária, e, sim, por constituir um bem em si mesmo. De acordo com a tese do Estagirita, essas qualidades morais resultam de três fatores: a natureza, o hábito e a razão.

Dentro desse contexto, será analisado se o Bem descrito por Aristóteles pode ser identificado com Deus, uma vez que tem o fim em si mesmo e é autossuficiente, além de proporcionar a felicidade total dos homens.

Na visão aristotélica, o ser humano não nasce ético, mas se torna, a partir da vivência e da busca virtuosa de tudo aquilo que é nobre e edificador para o homem. Isso também equivale dizer que esse não nasce essencialmente feliz, mas se torna, quando busca uma vivência equilibrada, ou seja, evitando o excesso e a falta. Assim, para Aristóteles, a moderação, o comedimento, é o ponto central para todo aquele que procura viver de maneira ética e feliz.

O BEM SUPREMO DO HOMEM

No início do Livro I da *Ética a Nicômaco*, o filósofo Aristóteles afirma que todas as coisas tendem naturalmente a um fim (*telos*), deixando transparecer o caráter teleológico da sua ética. Ao expressar tal pensamento, afirma que nada pode ter um fim em si mesmo. Neste sentido, assegura que “Toda arte e toda indagação, assim como toda ação e todo propósito visam a algum bem: por isto foi dito acertadamente que o bem é aquilo a que todas as coisas visam [...]” (ARISTÓTELES, 1999, p. 17).

Todas as ações humanas e todos os fins particulares a que elas correspondem tenderão a um fim último, o bem supremo. Embora tal fim seja particular, está endereçado e, ao mesmo tempo, conectado com um fim último que transcende o particular e se realiza como um bem maior desejado por todos. Segundo o filósofo (ARISTÓTELES, 1999, p. 17):

se há, então, para as ações que praticamos alguma finalidade que desejamos por si mesmas, sendo tudo mais desejado por causa dela, e se não escolhemos tudo por causa de algo mais (se fosse assim, o processo prosseguiria até o infinito, de tal forma que nosso desejo seria vazio e vão), evidentemente tal finalidade deve ser o bem e o melhor dos bens.

Toda ação precisa ser direcionada levando em consideração esse *telos* para o qual tudo tende. Mas o que seria esse fim último na concepção aristotélica? Para o filósofo grego, tal fim é identificado como sendo a felicidade (*eudaimonia*). Ela é o Bem Supremo que todos os homens desejam. A felicidade, no sentido aristotélico, é entendida como sendo o maior bem do homem e é identificada como a arte do viver bem e de fazer o bem. Neste sentido, ela é o único fim que não visa a outro. A felicidade é “valiosa” e deve ser considerada como a maior virtude que desperta o humano para a arte do viver bem e com sabedoria.

O filósofo Pierre Aubenque, ao fazer uma investigação sobre a ética aristotélica, conclui que o pensador grego faz uma exaltação do ser humano enquanto homem dotado de potencialidade sem divinizá-lo, “[...] faz dele o centro de sua ética, embora saiba que a ética não é o que há de superior, que Deus está acima das categorias éticas, ou antes; que a ética se constitui na distância que separa o homem de Deus” (AUBENQUE, 2008, p. 280).

O fato de a felicidade ser autossuficiente já assinala o seu estado de perfeição. O que é ser autossuficiente do ponto de vista aristotélico? Pode ser “[...] definido como aquilo que, em si, torna a vida desejável por não ser carente de coisa alguma, e isto, em nossa opinião, é a felicidade [...]” (ARISTÓTELES, 1999, p. 24).

Toda busca e investigação de Aristóteles referentes ao bem é sempre uma procura que pretende atingir aquilo que é melhor para o ser humano, possuindo assim uma pureza em si mesmo: o bem (*eudaimonia*) é a máxima realização que o homem quer atingir. Segundo Paixão (2002, p. 58):

[...] o bem procurado por Aristóteles é por ele chamado, não simplesmente *to agathós* (o bom), mas *to áriston*, o (melhor). Uma sociedade aristocrática é uma sociedade dos melhores, e a *Arete* (a virtude) pertence fundamentalmente aos *aristoí*, aos “homens melhores” ou “homens virtuosos”. Ser um “homem melhor” ou “homem virtuoso” (*aristós*) é realizar em si o que há de mais excelso no homem”.

Aristóteles, ao investigar sobre o bem, leva em consideração o humano, ou seja, examina o bem a partir das pessoas e compreende que o bem supremo não está dissociado da questão da felicidade. O bem não pode se contrapor à felicidade, caso contrário, não se realizará enquanto bem pleno e elevado. Para o filósofo Giovanne Reale (2007, p. 217), “O homem, enquanto ser racional tem como fim a realização desta sua natureza específica, e exatamente na realização desta sua natureza de ser racional consiste sua felicidade.”. Reale reafirma a posição defendida por Aristóteles: o homem, por possuir uma racionalidade, tem como objetivo realizá-la plenamente, uma vez que a felicidade depende disso.

O bem, entendido pelo Estagirita, está intimamente acoplado à felicidade (*eudaimonia*) : ambos fazem parte do domínio das ações humanas. Para Ross (1987, p. 197):

O bem para o homem deve apresentar duas características. Deve ser final, quer dizer, ser sempre escolhido por si próprio e nunca como um meio de se atingir outra coisa. E deve ser autossuficiente, quer dizer, algo que por si próprio torne a vida digna de ser escolhida.

Segundo Sir David Ross, essas duas características apresentadas são pertencentes ao bem-estar, porém, precisamos ainda nos interrogar sobre qual é o significado de tal felicidade. Para dar uma resposta à essa questão, Aristóteles faz intervir a noção platônica de obra ou de função. O objetivo é encontrar qual o tipo de vida que permite dar ao humano uma maior alacridade, jovialidade, mas, para isso, é necessário investigar qual a função característica do homem. Ross afirma que essa “segunda questão é extraída do domínio das artes, no interior das quais se torna mais fácil encontrar uma resposta. Não existe qualquer dificuldade em ver que a função de um tocador de flauta, como tal, reside no tocar flauta, e que a de um machado reside no cortar.” (ROSS, 1987, p.197).

Em Aristóteles, a felicidade está ligada à atividade prática da razão. Esta é a faculdade que tem a potencialidade de analisar, refletir e julgar, ou seja, a razão é a capacidade que permite distinguir o que é bom, ou mau, além de possibilitar ao homem distinguir os vícios das virtudes. Neste sentido, o filósofo grego pretende demonstrar que os homens se tornam o que são pelo hábito. Ou seja, habituar-se a pensar de maneira feliz torna-o assim feliz por meio da prática. A práxis conduz a excelência. Referindo-se a essa questão, Marilena Chauí (2002, p. 442) destaca que:

[...] a felicidade é a vida plenamente realizada em sua excelência máxima. Por isso não é alcançável imediata nem definitivamente, mas é um exercício cotidiano que a alma realiza durante toda a vida. A felicidade é, pois, a atualização das potências da alma humana de acordo com sua excelência mais completa, a racionalidade.

O genuíno bem do homem incide sobre obra ou atividade da razão e, mais precisamente, no perfeito desenvolvimento e atuação de tal atividade. O bem do homem, na concepção aristotélica, se apresenta como uma atividade propriamente da alma que está em plena harmonia com a virtude. No caso da existência de outras virtudes, o bem está ligado ao que é melhor e mais perfeito. A virtude, como atividade da alma, tem por finalidade conduzir uma pessoa ao bem supremo (*eudaimonia*). Para que isso aconteça, será necessário que [o homem] pratique ações nobres que levem à concretização da felicidade, pois a essência do homem está em sua alma, de maneira mais precisa na sua parte racional. Aristóteles (1999, p. 24-25) diz que:

[...] O bem para o homem vem a ser o exercício ativo das faculdades da alma de conformidade com a excelência, e se há mais de uma excelência, de conformidade com a melhor e mais completa entre elas [...].”

O filósofo Olinto Pegoraro (2007, p. 38), no seu livro intitulado *Ética dos maiores mestres através da história*, ao analisar a ética aristotélica, faz a seguinte apreciação no que diz respeito às virtudes morais e intelectuais:

a ética faz parte do elenco das ciências Práticas que, para ele, são hierarquicamente inferiores às ciências teóricas. Estas se referem ao conhecimento certo dos primeiros princípios das coisas e que não podem mudar, aquelas tratam das condutas e das metas que cada homem e a sociedade desejam alcançar e que sempre podem mudar, “é a filosofia das coisas humanas”, na bela expressão de Aristóteles. A ética comporta dois momentos convergentes: a ética da formação do homem virtuoso [...].

Pegoraro ao indagar sobre a questão ética a apresenta como algo tipicamente humano e almejado por todos, e faz um contraponto entre o saber prático e o saber teórico. Este filósofo brasileiro, ao tratar a ética como a “filosofia das coisas humanas”, conclui que “o saber prático subordina-se ao saber teórico, à metafísica. Isto é, a ética e a política encontram sua raiz profunda na constituição ontológica do homem” (PEGORARO, 2007, p. 38.).

A ética, enquanto saber prático, tem a pretensão de fazer com que o homem possa agir de maneira correta, tendo em vista sempre alcançar o Sumo Bem. A ética elaborada por Aristóteles é uma ética do bom senso, baseada nos juízos morais de alguém que possa ser considerado, de modo geral, bom e virtuoso. O filósofo Estagirita procurou fundar sua ética referindo-se à natureza humana como tal.

O filósofo Márcio Petrocelli Paixão, ao se referir à ética de Aristóteles, entende que ela possui um sentido amplo e é uma atividade realizada pelo homem na sociedade e na própria natureza, ou seja, é uma práxis (πράξις). De acordo com sua tese, “em Aristóteles, práxis possui um sentido estritamente ético, pois implica escolha, deliberação” e, segundo

ele diz mais tarde, “ninguém delibera sobre o que não pode ser de outro modo”. (ARISTÓTELES *apud* PAIXÃO, 2002, p.56).

Identificar a função e a finalidade das coisas, no que diz respeito ao ser humano, não é uma tarefa muito difícil, porém, essa questão começa a apresentar certa dificuldade quando se pretende saber qual é a obra do homem. Segundo Ross, Aristóteles apresenta uma saída para essa questão quando começa a interrogar sobre quais são as coisas que apenas podem ser executadas pelo homem.

Tudo aquilo que pode ser praticado pelo homem, pelas plantas e pelos animais, ainda não constitui uma tarefa propriamente humana, crescimento e reprodução são compartilhados com os animais e com as plantas e, por sua vez, a sensação, com os animais. Isso implica dizer que nenhuma dessas faculdades pode ser identificada como uma obra característica do homem. David Ross assegura que somente o bem-estar e a virtude são uma característica própria do homem; somente ele é capaz de agir de maneira nobre e virtuosa.

Aristóteles faz uma divisão das virtudes, classificando-as como [virtudes] intelectuais (*arētaí dianoētikaí*) e [virtudes] morais (*arētaí ēthikaí*). A sabedoria (*sophía*), a inteligência, a prudência (*phrónesis*) e o discernimento são formas de virtude intelectual. Por sua vez, a liberalidade e a moderação são consideradas como formas de virtude moral. “[...] a excelência intelectual deve tanto o seu nascimento quanto o seu crescimento à instrução (por isto ela requer experiência e tempo); quanto a excelência moral, ela é o produto do hábito[...].” (Ibid., p. 35). (ARISTÓTELES, 1999, p. 35). O filósofo é bem categórico ao afirmar que “[...] nenhuma das várias formas de excelência moral se constitui em nós por natureza, pois nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito [...].” (ARISTÓTELES, 1999, p. 35).

Mas o que é a virtude? Virtude, para Aristóteles, é a capacidade, ou seja, a excelência de fazer o bem, o que se pretende em determinada área. Quanto mais o homem se aperfeiçoar em praticar uma determinada atividade, melhor ele se torna. No livro II da obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles faz uma definição geral do que é a virtude: “[...] a virtude é uma disposição da vontade, consistindo em um justo meio relativo a nós, o qual é determinado pela reta regra e tal como o determinaria o homem prudente.” (ARISTÓTELES *apud* AUBENQUE, 2007, p. 69). Diante da definição de virtude dada [por Aristóteles], o filósofo Pierre Aubenque afirma que “[...] a virtude consiste em agir segundo o justo meio e o critério do justo meio é a reta regra (AUBENQUE, 2007, p. 71).

De acordo com a tese de Aristóteles, a felicidade consiste numa atividade segundo a virtude. A virtude compõe a excelência do ser humano, mas ainda não pode ser considerada como sendo o soberano bem procurado por ele. A verdadeira felicidade não

incide propriamente na virtude, mas sim na atividade da virtude, na vida racional, para a qual a virtude dispõe o homem.

A felicidade (*eudaimonia*), segundo a máxima de Aristóteles, corresponde ao hábito ininterrupto da prática da virtude e da prudência. Por sua própria natureza, os homens almejam o bem e a felicidade, no entanto, esta busca só poderá ser alcançada mediante a virtude. Esta, por sua vez, é entendida pelo filósofo Estagirita como excelência (*aretê*). É por meio do nosso caráter que chegamos a excelência. Na concepção aristotélica, a felicidade está intimamente ligada a uma sabedoria prática, que é a de saber fazer escolhas racionais mediante as condições apresentadas pela vida. Neste sentido, o homem feliz é aquele que sabe escolher com sabedoria o que é melhor e mais adequado para si.

Quando Aristóteles afirma que a virtude moral não surge no homem por natureza, isso quer dizer que o ser humano não nasce capacitado a praticá-la, pois o que é dado por natureza está no homem desde o seu nascimento. No entanto, a natureza dá ao ser humano a aptidão em recebê-la, desde que se habitue a exercitá-la. As virtudes morais estão presentes na parte privada da razão, porém obedecem à parte racional da alma. Ao passo que as virtudes intelectuais se estabelecem na parte racional da alma.

A excelência moral é produto do hábito e é constituída por natureza. No entanto, pode ser destruída pela deficiência ou pelo excesso, mas preservada pelo meio termo. Neste sentido, Aristóteles afirma que nunca existirá virtude quando há excesso ou falta. A excelência moral é uma disposição da alma que está relacionada com a escolha das ações e emoções. Trata-se, portanto, de um estado intermediário, porque, nas várias formas de deficiência moral, Aristóteles assegura que há falta ou excesso do que é oportuno, tanto nas emoções, quanto nas ações. Por isso, o homem precisa buscar incansavelmente a virtude, equilibrando, assim, as suas ações e emoções. Isso possibilitará um reconhecimento da felicidade como o bem maior existente. Segundo Reale (2007, p. 106-107):

[...] a virtude ética é, precisamente, mediania entre dois vícios, dos quais um é por falta, o outro por excesso. É óbvio, para quem compreendeu bem essa doutrina de Aristóteles, que a mediania não só não é mediocridade, mas a sua antítese: o “justo meio”, de fato, está nitidamente acima dos extremos, representando, por assim dizer, a sua superação [...].

Os fins de todas as ações praticadas pelos homens estão endereçados a um fim último, que é nobre, pleno e absoluto em si mesmo. O objetivo do homem é atingir esse fim para gozar do estado mais elevado e belo que a vida pode lhe oferecer. O Sumo Bem é a fonte que impulsiona o humano para as nobres ações, sempre desejando o que é salutar e virtuoso. Em suas investigações sobre o bem supremo, Reale (2003, p. 218) faz a seguinte constatação:

O bem supremo realizável pelo homem (e, portanto, a felicidade) consiste em aperfeiçoar-se enquanto homem, ou seja, naquela atividade que diferencia o homem de todas as outras coisas. Assim, não pode consistir no simples viver como tal, porque até os seres vegetativos vivem; nem mesmo viver na vida sensitiva, que é comum também aos animais. Só resta, portanto, a atividade da razão. O homem que deseja viver bem deve viver, sempre, segundo a razão.

Em Aristóteles, percebe-se que é necessária uma investigação sobre o bem referente a cada coisa, ou seja, investigar o bem, de maneira particular, no que diz respeito a cada atividade ou ação realizada pelo homem. Todo bem particular é insuficiente, ou seja, não é nobre por si mesmo, e só pode ser entendido e realizado enquanto bem, se colocado como caminho que o eleva a uma integração no Bem maior, que é absoluto. Aristóteles (1999, p. 23) diz que:

[...] se há somente um bem final, este será o que estamos procurando, e se há mais de um, o mais final dos bens será o que estamos procurando. Chamamos aquilo que é mais digno de ser perseguido em si mais final que aquilo que é digno de ser perseguido por causa de outra coisa, e aquilo que nunca é desejável por causa de outra coisa chamamos de mais final que as coisas desejáveis tanto em si quanto por causa de outra coisa, e, portanto chamamos absolutamente final aquilo que é sempre desejável em si, e nunca por causa de algo mais [...].

Portanto, Aristóteles conclui que existe uma finalidade em tudo o que fazemos, e tal finalidade será um bem atingível, caso contrário, não seria um bem. Essa finalidade à qual as coisas tendem são atingíveis através da ação. Por isso, Aristóteles fala da importância de o ser humano agir sempre de maneira virtuosa. O homem feliz é aquele que sabe agir de maneira sábia, sempre visando ao que está além da simples ação, ou seja, ao resultado final da ação, que é a felicidade. O filósofo (ARISTÓTELES, 1999, p. 23) diz que:

[...] parece que a felicidade, mais que qualquer outro bem, é tida como este bem supremo, pois a escolhemos sempre por si mesma, e nunca por causa de algo mais [...] ninguém escolhe a felicidade por causa das várias formas de excelência, nem, de um modo geral, por qualquer outra coisa além dela mesma.

A ÉTICA ARISTOTÉLICA NO PLANO PRÁTICO E METAFÍSICO

Pensar a ética a partir da concepção aristotélica é concebê-la como uma busca incontestável, ou melhor, obtê-la como um referencial a ser vivido pelo homem. A ética é uma força dinâmica, uma virtude que desperta a essência do espírito humano para viver com arte e sabedoria. Alcançar o estado de homem virtuoso não é uma tarefa tão simples, nos dizeres de Aristóteles. Assumir a ética é assumir a própria condição de homem, que

deseja viver de maneira nobre; o agir nobre exige esforço e muita determinação. É através do exercício e do autocontrole que nos tornamos éticos.

A ética é, por excelência, o ato mais honrado e elevado de que um homem pode desfrutar. Ela tem um ponto de partida particular, ou seja, se inicia de maneira individual, e o comprometimento de cada um vai se estendendo até a plenificação da cidade (*pólis*). “[...]. Se há, portanto, um fim visado em tudo o que fazemos, este fim é o bem atingível pela atividade, e se há mais de um, estes são os bens atingíveis pela atividade [...].” (ARISTÓTELES, 1999, p. 23).

Para Aristóteles, a ética é uma tensão, um confronto entre dois estados do homem, o lado instintivo e o racional. Do lado instintivo, preponderam os desejos que precisam ser controlados e canalizados pela razão, buscando-se, assim, uma integração total de todas as potencialidades existentes. A ética, no entendimento de Aristóteles, é um exercício contínuo e “eterno”. Ser ético exige um esforço racional e um forte empenho para dar valência e dinamicidade à alma humana. Tudo isso porque o filósofo apresenta a ética no campo prático; é exercendo a ética que nos tornamos éticos.

Assim, nenhum homem pode ser considerado sábio em sua essência se não age eticamente, visto ser uma ética contextualizada e sintonizada com a realidade do indivíduo. A ética pode ser entendida como prática, a partir do momento em que o ser humano age, e teórica, enquanto é discutida como uma forma de ideia.

Embora não seja uma virtude, são as virtudes que constituem o domínio da ética e, por isso, aquelas devem ser conquistadas por cada ser. Ninguém se torna ético ensinando o que é a ética; o indivíduo pode saber o que é ético, e não praticá-lo. Neste contexto, a ética assume uma dimensão teórica, visto que analisa, questiona e argumenta, mas não assume a dimensão prática, que é o substrato para que a ética aconteça. Quando o homem alcança o estado de virtuosidade, ele se torna [um homem] plenamente feliz. Então, quanto mais se pratica a ética, mais o ser humano se torna feliz, segundo Aristóteles. Para Reale (2007, p. 105):

as virtudes éticas derivam em nós do hábito: pela natureza, somos potencialmente capazes de formá-las e, mediante o exercício, traduzimos essa potencialidade em atualidade. Realizando atos justos, tornamo-nos justos, isto é, adquirimos a virtude da justiça, que, depois, permanece em nós de maneira estável como um *habitus*, o qual, em seguida, nos fará realizar mais facilmente ulteriores atos de justiça. Realizando atos de coragem, tornamo-nos corajosos, isto é, adquirimos o *habitus* da coragem, que em seguida nos levará a realizar facilmente atos corajosos. E assim por diante. Em suma, para Aristóteles as virtudes éticas são aprendidas à semelhança do aprendizado das diferentes artes, que também são hábitos.

Diante das colocações do filósofo Giovanni Reale acerca do pensamento aristotélico, [ver] a ética como uma condição indispensável para alcançar a felicidade,

ninguém pode ser feliz se não atuar com a ética. A felicidade está na centralidade da ética de Aristóteles, o ser antiético não é [um ser] feliz em sua totalidade, isso porque lhe falta algo para completá-lo. A ética prática de Aristóteles vai adquirindo uma conotação transcendental, visto que os fins particulares não são autossuficientes e necessitam de um referencial absoluto, para onde todos esses fins particulares se direcionam.

Toda vez que o humano se lança na busca de algo absoluto e autossuficiente em si mesmo é sempre uma projeção que ultrapassa todo [o] plano existencial da imanência e se dissolve no nível da transcendência.

O fato de Aristóteles ser discípulo de Platão deixa transparecer que o seu pensamento não representa uma total ruptura com o [pensamento] platônico, mas uma continuidade, visto que a felicidade é colocada como um ideal a ser atingido pelo homem que pretende ser feliz. Entretanto, Aristóteles tem a pretensão de transformar o que é metafísico em algo um pouco mais próximo do campo da imanência.

No Sumo Bem se dá a realização máxima de todas as coisas; é fonte transbordante que impulsiona o homem para a prática do bem. A felicidade é uma condição de vida agradável vivida pelo homem conforme a excelência da virtude (*areté*). A felicidade, pensada numa dimensão metafísica, é algo direcionado a uma grandeza transcendental, está para além da imanência; é um referencial buscado no além humano, pois o que é absoluto tem que ser infinito, já que, no finito, não pode existir a perfeição irrestrita.

Se a felicidade é perfeita, autossuficiente e absoluta em si mesma, então, não pode estar no próprio homem, que é um ser finito e sujeito à contrafação. A felicidade pode até estar na essência do homem, mas não na condição de ato puro, e sim em potência. Se o homem, ao nascer, já adquirisse o estado de perfeição, ou seja, o ato puro, não necessitaria de se tornar um ser ético e feliz através da prática, pois já seria concebido como animal racional naturalmente feliz, “pronto” e “acabado”.

Isso significa dizer que o ser humano é feliz em estado de potência; por isso, necessita de algo mais para se superar enquanto potência. O homem potencialmente feliz só encontrará a sua plenitude ao participar da perfeição existente em ato puro. Para Paixão (2002, p. 67):

[...] nós não somos já o que somos, ou melhor, o que podemos ser. Há um caminho obrigatório a ser trilhado neste sentido. Todos os bens da ética e da política implicam a essência do homem, pois o logos é o fundamento último de todo bem humano [...].

Embora Aristóteles conceba a felicidade (*ética eudaimonica*) num plano prático, para o qual o homem precisa agir a fim de alcançar os fins desejados, ela também é concebida, primeiramente, como sendo divina, pelo ato da contemplação e,

posteriormente, assume uma característica humana. Essa relação entre o plano prático e o teórico possibilita uma aproximação do homem em relação a Deus (deuses). O que faz com que essa justaposição aconteça é a vida contemplativa, desempenhada pelo intelecto e transferida para a sociedade.

Em Aristóteles, da mesma maneira que é inconcebível pensar ética e política de maneira dissociada, também é impossível pensar a ética desligada da felicidade; a ética está no âmago da felicidade aristotélica. Para ele, a felicidade consiste na máxima realização do ser humano e no sucesso daquilo que pretende alcançar. Para alcançar o Sumo Bem, o homem desenvolve sua excelência humana. Esse processo vai se dando quando ele vai exercitando suas virtudes (*areté*), suas condições, as quais possibilitarão chegar ao que há de mais nobre em si mesmo. Isso já supõe uma ética perfeita.

Mesmo a preocupação de Aristóteles sendo em apresentar uma ética no plano prático, é difícil não pensá-la no âmbito metafísico. No campo da práxis, ela é uma atividade plenamente humana, porém, vai perdendo toda a praticidade quando não permite que o humano se realize enquanto homem, dado que o Bem Supremo precisa ser buscado numa dimensão contemplativa pertencente a Deus (deuses). A felicidade, descrita por Aristóteles, é perfeita e absoluta, por isso só pode estar em um ser que é perfeito e absoluto, uma vez que são inimagináveis esses atributos em um ser imperfeito.

Pensar a felicidade em um plano contemplativo implica dizer que o homem participa dessa felicidade que é infinita e autossuficiente quando contempla a verdade existente num plano mais elevado e superior. A contemplatividade da felicidade é absorvida pelo homem quando contempla a realidade transcendente. A felicidade suprema está em Deus, somente Ele pode tornar o homem plenamente feliz, deixando que o mesmo, através da vida contemplativa, experiencie e participe da sua infinitude.

Através do uso da razão, o ser humano participa da felicidade, ou seja, contempla a verdade maior que é Deus (Sumo Bem). Ao divinizar a razão, Aristóteles a torna digna de louvor. Neste sentido, nenhum ser poderá se tornar feliz senão aquele que é dotado de razão. Contemplar a face de Deus (deuses) é um privilégio dos homens, concedido pelo Sumo Bem. Por isso, no nível metafísico, o homem chega à vida feliz por participação, contemplando uma ideia perfeita que já existe como modelo a ser buscado. Para Aubenque (2007, p. 281), “[...] os limites da metafísica são o começo da ética [...]”.

Deus é o princípio e o fim de toda ação. Isso quer dizer que tudo parte de Deus e converge para Ele. Na concepção de Aristóteles, os deuses (Deus) são seres bem-aventurados e plenamente felizes, pois não lhes falta nada; são plenos e autossuficientes em si mesmos. A felicidade suprema está em Deus e pelo ato da contemplação o ser humano recebe os “reflexos” dessa felicidade perfeita. Segundo Aristóteles (1999, p. 228):

[...] a atividade dos deuses, que supera todas as outras em bem-aventuranças. deve ser contemplativa; conseqüentemente, entre as atividades humanas a que tiver mais afinidades com a atividade de Deus será a que proporciona a maior felicidade.

A ética possui uma raiz antropológica e metafísica; antropológica, porque diz respeito às ações realizadas pelo homem, e metafísica, por almejar e buscar um bem maior que é transcendente ao que é dado no campo da imanência. De acordo com Paixão (2002, p. 67):

[...] a consideração fundamental do homem, na ética, é ontológica. Há nela um saber sobre a essência deste ser, que é o homem. Essência (*ousía*) é a estrutura própria, o fundamento primeiro de um ser. No entanto, não é necessária, na simples consideração do homem, que tomemos a essência sob o aspecto de sua atualidade [...].

Entretanto, somente o homem pode desejar e alcançar a felicidade; a condição de ser feliz diz respeito ao homem e está restrita ao que é humano. Com isso, Aristóteles afirma que os animais não podem participar da felicidade, pois essa está estritamente reservada a Deus (deuses) e ao homem. Só existe felicidade onde existe contemplação, onde não há, não poderá existir um homem feliz.

CONCLUSÃO

Para Aristóteles, a ética está atrelada ao sentido de felicidade, isto é, quanto mais ético e virtuoso o homem for, tanto mais feliz se tornará. Desta maneira, o filósofo deixa transparecer, na sua obra *Ética a Nicômaco*, que quanto mais distante da ética, tanto maior o grau de infelicidade.

Ficou constatado que o Bem buscado pelo homem está associado à felicidade. O Estagirita argumenta que toda ação praticada pelo homem tem como fim (*telos*) algo maior, pleno e digno de ser buscado em si mesmo. De acordo com a tese do filósofo, a felicidade é o único bem que não é buscado tendo em vista outro fim. Por ser autossuficiente, Aristóteles conclui que o fim último do homem é a felicidade (*eudaimonia*).

No entanto, a ética é classificada por Aristóteles como uma ciência prática e não teórica. Isso implica dizer que está relacionada com a conduta humana, ou seja, com o seu modo de se comportar e agir com os demais. Embora fundamente que a ética é uma ciência da práxis, é perceptível a existência de uma metafísica na sua ética. Esta é definida por Aristóteles como uma busca da felicidade dentro da realidade humana; caso o homem se esforce para atingir essa excelência, isso o tornará uma pessoa virtuosa.

Por fim, Aristóteles assegura que a finalidade da ética e da política é proporcionar a felicidade entre os homens na cidade (*pólis*); fora dela, não existe felicidade, visto que o homem só se torna virtuoso e ético convivendo e se relacionando com os outros. A cidade é o lugar ideal para a busca e a realização da felicidade (*eudaimonia*). Mas em que consiste a felicidade? Consiste em se ter uma vida boa e agradável, conforme a virtude; uma vida virtuosa exige esforço e não se reduz a divertimentos.

Sendo assim, a felicidade é classificada pelo filósofo como um bem supremo e atingível. O homem só participa da plena realização da felicidade quando se dedica à prática de ações virtuosas que o tornam um ser feliz, capaz de viver bem e agir bem. O bem viver, na concepção aristotélica, está ligado a excelência do bem fazer, que, por sua vez, está associado à vida concreta do ser humano, como algo que pode ser almejado e buscado.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Mário da Gama Kury 3ª ed. Brasília, 1999.
- AUBENQUE, Pierre. *A Prudência em Aristóteles*. Tradução de Marisa Lopes. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- CHAUI, M. *Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- PEGORARO, Olinto. *Ética dos maiores mestres através da história*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.
- PAIXÃO, Márcio Petrocelli. *O Problema da Felicidade em Aristóteles*. Rio de Janeiro: editora Pós-Moderno. 2002.
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga: Platão e Aristóteles*. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994, v. 2.
- REALE, Giovanni. *Aristóteles*. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Edições Loyola. 2007.
- ROSS, Sir David. *Aristóteles*. Lisboa. Ed, Dom Quixote, 1987.